***‘VEROUVIRSENTIRPENSAR’[[1]](#footnote-1)* FILMES NOS COTIDIANOS:**

**TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE EM REDES DE CONVERSAS E**

**DE CONVIVÊNCIAS COM ‘*DOCENTESDISCENTES*’**

**Roberta Guimarães Teixeira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGEDU/FFP/UERJ

**Júlia Lima**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação/UERJ

**Fernanda Cavalcanti de Mello**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGEDU/FFP/UERJ(Egressa)

**Resumo** (no mínimo 500 e no máximo 1.000 caracteres)

# 

O presente resumo apresenta uma pesquisa em andamento, onde as cineconversas com filmes são fios condutores de tessituras de solidariedade e de convivência com ‘*docentesdiscentes*’ dos grupos das redes educativas que fazemos parte. O uso de filmes desperta emoções e pensamentos, bem como auxiliam no surgimento de inúmeras narrativas como possibilidades de ação curricular. Entre os diversos filmes ‘*vistosouvidossentidospensado’*, o *CONVERSA NA REDE - Kokoro | Coração, conversa entre Ailton Krenak e Hiromi Nagakura* foi o que escolhemos para tecermos conversas acerca da poética que atravessa os cotidianos escolares dos *‘praticantespensantes’*, bem como sobre ensaio fílmico e textual, além de aprendermos a aprender com o outro, na medida em que o outro tem uma importância muito grande nos nossos processos formativos e de pesquisa.

# 

Palavras Chaves: Redes; Cineconversas; Filmes; Ensaios

**Resumo Expandido:**

As pesquisas nos cotidianos mostram que as múltiplas histórias são sempre a melhor forma de iniciar um novo caminhar, como propõe no dizer de Michel de Certeau (2012), que se entrelaçam muito bem com as conversas, uma vez que as mesmas são assumidas como movimentos centrais em nossas pesquisas. Nas conversas com filmes ‘*vistosouvidossentidospensados*’ com ‘*docentesdiscentes*’ com grupos articulados, na qual intitulamos de cineconversas[[2]](#footnote-2), associados aos textos diversos ‘*lidossentidospensados*’ produzem ‘*açõespensamentos*’ individuais e coletivos potentes (Alves, 2024), além de uma vasta tessitura de solidariedades, de convivências, de emoções, de experiências e entre outros tantos ‘*conhecimentossignificações’*. Segundo Alves (2024, p.09-10), a proposta das cineconversas surge com um filme ‘*vistoouvidosentidopensado*’ pelos participantes dos vários grupos que estão na pesquisa, e dele permite emergir inúmeras narrativas que são incorporadas como possibilidades de ação curricular. “O trabalho com essas narrativas se dá pela compreensão de que trazem em si, exatamente, essas possibilidades, pelos ensaios e não “verdades” acerca das práticas curriculares” (Alves, idem).

Como relatou uma das professoras em uma das nossas cineconversas, “ficamos tão afetados com esses filmes, daí a gente vai ligando outros fios (como fios sendo trançados em redes), nesses encontros, vamos contando outras histórias e outras narrativas” (Delboni, 2024, informação verbal, grifo nosso). “Ao se ouvir o falar das pessoas, nas cineconversas, a sensação de uma presença física, mesmo quando está no virtual, tem muito da relação da vida” (TOJA, 2024, informação verbal), disse outra professora. Nesses *‘espaçostempos*’ de conversas, compreendemos que os filmes favorecem e têm possibilitado diversas discussões que estão presentes no entrelaçar ‘*dentrofora*’ das escolas, atuando também nos processos curriculares refletidos pelos *‘docentesdiscentes’* nos quais estão envolvidos. Assim, pesquisar as vidas cotidianas, é buscar compreender a complexidade da realidade educativa e observar as diversas redes que constituem as relações entre as crenças, os medos, as dificuldades, como também as experiências emocionais dos diferentes *‘praticantespensantes’*.

E, ainda, debruçar todos os nossos sentidos sobre essas práticas, é evidenciar essas redes de possibilidades, de solidariedade, das combinações de operações que, muitas vezes, não lhes damos atenção, ou seja, como Certeau mesmo nos direciona, nas criações das ‘táticas’ que se embaraçam nos cotidianos. Através dessas conversas sobre filmes com os cotidianos escolares e seus *‘praticantespensantes’*, surgem narrativas – sons de todos os tipos – e imagens diversas tornam-se nossos intercessores principais de pesquisa (Brandão, Alves, Caldas, 2017).

Nesta comunicação, destacamos as cineconversas que ocorrem com grupos externos - com docentes em serviço em: Manaus (AM)/TV LEPETE; Salvador (BA)-FORMACCE/UFBA; Memória, Identidade e Espaço-Nova Friburgo/(RJ) e Serra (ES)-ConexõES - num movimento de fazer circular a pesquisa e continuá-la, pois os cotidianos e os currículos, ensaiados nesses espaços emanam dessas redes durante as conversas e enriquecem e muito nossas pesquisas pelas vozes e pontos de vista que redimensionam as dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas que orientam os caminhos da pesquisa.

Os filmes que escolhemos são diversificados, caracterizam-se em qualquer formato (vídeo, película, documentários, ficção) e duração (curtas, médias, longas, etc) de diferentes temáticas e gênero e, também, fazem parte de uma escolha coletiva, a partir do contato com os *praticantespensantes*’ dos grupos externos, assim outras ideias nos chegam na convivência em redes, nas conversas, com mais autores e mais intercessores envolvidos nas ‘*açõespensamentos*’ que vamos tecendo juntos em tessituras de solidariedade nos ‘*espaçostempos*’ educativos. A questão indígena, como outras questões ditas minoritárias, sempre esteve em nossos horizontes de pesquisa, todavia as narrativas geradas pelas cineconversas nos apontam para a necessidade de ouvir/narrar essas vidas com urgência.



Imagem 1: Cinconversa com docentes de Nova Friburgo/RJ, Rio de Janeiro e Serra/ES

Print Screen do encontro pelo Zoom

Uma das últimas conversas nesses encontros com os referidos grupos de ‘*docentesdiscentes*’, foi sobre o filme documentário intitulado: *CONVERSA NA REDE - 心 Kokoro | Coração, conversa entre Ailton Krenak[[3]](#footnote-3) e Hiromi Nagakura[[4]](#footnote-4). Trata-se* do quarto episódio da série “Conversa na Rede”[[5]](#footnote-5) , apresentado pelo indígena, intitulado– ‘心 Kokoro’[[6]](#footnote-6), que quer dizer ‘coração’ em japonês. Reunidos após muitos anos, os dois amigos relembram episódios de suas vivências na Amazônia, quando viajaram juntos por diferentes territórios indígenas entre os anos de 1993 e 1998. Eles refletem sobre temas como as fronteiras no mundo contemporâneo, a relação entre a floresta, a metrópole e a possibilidade de conexão verdadeira entre as pessoas. Na tela, os amigos estão tão despojados, que mais parece um ‘ensaio’ do que propriamente um programa com script, movimentos de câmera previamente planificados e direção. “Cada conversa com Krenak na Rede é diferente. Só a rede mesmo e o tom de conversa permanecem iguais” destacamos na ocasião da cineconversa com os grupos.

Além dos filmes e textos recomendados para leitura, trazemos outras experiências, tais como buscar os temas que estão sendo conversados. O material fotográfico, escrito e as conversas dessa viagem que marcou a amizade entre entrevistador e entrevistado culminaram na exposição “*Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak*”[[7]](#footnote-7), que foi inaugurada em outubro de 2023 em São Paulo. Atualmente essa exposição encontra-se disponível no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro. Uma oportunidade para quem está nessa cidade, vislumbrar também o que une os dois personagens/personalidades, que trazemos um pouco para essas páginas também. A seguir, algumas fotos tiradas na exposição no CCBB:

|  |  |
| --- | --- |
|  |  |

O filme documentário/ensaio reúne os dois expedicionários numa espécie de O O

O filme documentário reúne os dois expedicionários e numa espécie de entrevista sem hierarquia entre entrevistador e entrevistado, numa conversa de fato entre companheiros de viagem que não se viam há muito tempo. “Criou-se uma identidade entre eles, pois um não falava português, o outro não falava japonês e mesmo assim eles se entendiam pelo olhar, achei isso bem interessante” (Mendonça, 2024, informação verbal). “Para mim pareciam duas crianças descansando e brincando na rede... parecia que tudo fazia sentido ali. Quase no final, o japonês vai dar a mão pra bater e, o Krenak dá o pé... muito lúdico isso e, diz muito dos territórios que cada um ocupa” (Leão, 2024, informação verbal). Assim os saberes, tão importantes, dos personagens/personalidades presentes no filme, nos fez pensar também em ações curriculares, como na escrita acadêmica, bem como sobre os saberes autorizados a circularem nesses âmbitos:

Eu acho que ele traz essa dimensão poética, de trazer o sentido, o vivido, (...) a gente vai se permitindo acessar tantos mundos que nos coloca a problematizar e ver a vida de uma outra maneira… e… ao mesmo tempo de uma forma muito acessível. Senti ele falando com a alma dele, e é isso né; hoje, eu tava conversando com o grupo que eu trabalho pela manhã, e aí, a gente discutindo algumas ações, e tava na Ed. Infantil, de manhã, eu tô na Educação Infantil, à tarde no Ensino Fundamental; E, aí o planejamento vinha todo assim: atividade com as cores, atividade reconhecendo as partes do corpo, atividade conhecendo as quantidades e muito técnico. Aí, eu fiquei pensando exatamente isso, como é que a poética perpassa, interligando esses conhecimentos e, é isso né, é trazer esses saberes, mas com a alma do processo, com a poética que faz interligar e produzir sentidos para além do conhecimento técnico propriamente dito… (Paoliello, 2024, informação verbal, grifo nosso).

Portanto, o cotidiano traz consigo o inesperado, o não pensado, nossas redes de ‘*conhecimentossignificações*’ trazem nossas bagagens, nossos pensamentos, nossa vivência. Pensando como esses filmes contam muito sobre os cotidianos, pois os *‘praticantespensantes’* inventam, se reinventam, utilizam as tecnologias disponíveis, consomem o que está ao seu redor, trazendo suas trajetórias nas escolas e suas culturas. As conversas com os filmes nos mostraram que precisamos romper com o instituído como nos diz Certeau.

Aprendemos a aprender com o outro, na medida que o outro tem uma importância muito grande nos nossos processos formativos. O processo de ‘*verouvirsentirpensar*’ nos inspira a criar e a resistir às agendas retrógradas na atualidade, gerando beleza, criando muitas possibilidades de trabalho e de potências de pesquisas, de convivências e de encontros, onde as narrativas, imagens e sons do cinema nos ajudam a pensar as questões cotidianas do currículo na articulação dos problemas sociais com as ações desenvolvidas nas escolas, bem como na vida das pessoas, nos cotidianos dos ‘*praticantespensantes*’.

Referências:

ALVES, Nilda. Nos movimentos de resistir e criar culturas e escolas estão os processos de (re)invenção de si e do outro.*In*: **X** **CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA (X CIPA)**, a realizar-se entre os dias 19 a 24 de maio 2024, Salvador. **Anais** **do X CIPA.** UNEB, Salvador: Bahia, 2024.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje.** São Paulo: Cortez, 2019.

BRANDÃO, Rebeca Silva; ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes. ‘*Práticasteorias*’ de docentes em formação na crítica aos clichês presentes em filmes ‘sobre professores’. **Linhas****Revista****Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 52, p. 599-617, jun. a set. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A****invenção****do** *cotidiano 1: artes de fazer*. 19ª. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

**Filme referenciado:**

*CONVERSA NA REDE - 心 Kokoro | Coração, conversa entre Ailton Krenak e Hiromi Nagakura***.** Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=j_wBZgh6wcs> Acesso em: 10/03/2024.

1. Esses termos e tantos outros que ainda aparecerão neste texto, estão assim grafados porque, há muito, o GrPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, percebeu que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade têm significado limites ao que precisamos criar na corrente de pesquisa a que pertencemos, as chamadas pesquisas com os cotidianos. Com isto, passamos a grafar deste modo os termos: juntos, em itálico e entre aspas simples. [↑](#footnote-ref-1)
2. As cineconversas vêm sendo usadas nos três últimos projetos no GrPesq da qual fazemos parte. Inicialmente, chamamos ao movimento que usávamos de ‘*cineclube*’, porém fomos verificando que não trabalhávamos em ‘*cineclube*’, mas sim com cineconversas. As mesmas não se limitam ao nosso Grpesq, mas também com os grupos de ‘*docentesdiscentes*’ de várias partes do País. [↑](#footnote-ref-2)
3. AILTON KRENAK é pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida. Vive com sua família na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros “Ideias para Adiar o fim do mundo” (Companhia das Letras, 2019), “O amanhã não está à venda” (Companhia das Letras, 2020), “Futuro ancestral” (Companhia das Letras, 2022), além de outras obras. Em 2022, foi eleito imortal pela Academia Brasileira de Letras. [↑](#footnote-ref-3)
4. HIROMI NAGAKURA nasceu em 1952 na cidade de Kushiro, ao norte da ilha de Hokkaido, no Japão. Desde criança, amou gente e a natureza, interessado em pessoas e culturas de outros lugares do mundo. Em 1979, com 27 anos, Nagakura decidiu tornar-se fotojornalista independente, caminho que o levou à vários outros países, como o Brasil. Sua obra, já reconhecida no Japão, é exposta pela primeira vez no Brasil na exposição Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak. [↑](#footnote-ref-4)
5. “Conversa na Rede” é uma série de Conversas onde os pensamentos fluem com a delicadeza e frescor do balanço das redes, repleto de simbologia do Brasil e dos povos nativos. [↑](#footnote-ref-5)
6. Acesse o filme clicando no link: <https://www.youtube.com/watch?v=j_wBZgh6wcs> [↑](#footnote-ref-6)
7. A exposição “*Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak*” traz os registros dos encontros com os povos Krikati, Guarani Mbya, Ñandeva e Kaiowá, Yawanawá, Yanomami, Huni Kuï – Kaxinawá, Akrãtikatêjê – Gavião da Montanha e Ashaninka. [↑](#footnote-ref-7)